

De *El Libro de Arena*:

O congresso

*Ils s'acheminèrent vers un château immense,
au frontispice duquel on lisait: "Je n'appartiens
à personne et j'appartiens à tout le monde.
Vous y étiez avant que d'y entrer, et vous y serez
encore quand vous en sortirez".*

Diderot: Jacques Le Fataliste et son Maître (1769).

Meu nome é Alejandro Ferri. Ecos marciais persistem nele, mas nem os metais da glória nem a grande sombra do macedônio – a frase é do autor de *Los Mármoles*, cuja amizade me honrou – parecem-se com o modesto homem cinzento que embasta estas linhas, no andar superior de um hotel de *calle* Santiago del Estero, num bairro Sul que já não é o bairro Sul. A qualquer momento terei completado setenta e tantos anos; continuo ministrando aulas de inglês a poucos alunos. Por indecisão ou por negligência ou por outros motivos, não me casei, e agora encontro-me só. Não me dói a solidão; esforço suficiente é tolerar a si mesmo e às próprias manias. Noto que estou envelhecendo; sintoma inequívoco é o fato de que não me interessam ou surpreendem as novidades, talvez porque perceba que nada essencialmente novo existe nelas, e que não passam de tímidas variações. Quando era jovem, atraíam-me os entardeceres, os arrabaldes e a desdita; agora, as manhãs do centro e a serenidade. Já não brinco de ser Hamlet. Filiei-me ao Partido Conservador e a um clube de xadrez, que costumo freqüentar como

espectador, às vezes distraído. O curioso pode exumar, em alguma escura prateleira da Biblioteca Nacional, em *calle México*, um exemplar de meu *Breve Exame do Idioma Analítico de John Wilkins*, obra que exigiria outra edição, quando mais não fora para corrigir ou atenuar os muitos erros. O novo diretor da Biblioteca, dizem-me, é um literato que se consagrou ao estudo das línguas antigas, como se as atuais não fossem suficientemente rudimentares, e à exaltação demagógica de uma imaginária Buenos Aires de valentões. Não quis conhecê-la nunca. Cheguei a esta cidade em 1899 e uma única vez o acaso me colocou defronte a um valentão ou tipo que tinha fama de tal. Mais adiante, se a ocasião se apresentar, narrarei o episódio.

Já disse que estou só; dias passados, um vizinho de quarto, que me havia ouvido falar de Fermín Eguren, disse-me que este havia falecido em Punta del Este.

A morte daquele homem, que certamente não foi nunca meu amigo, obstinou-se a me entristecer. Sei que estou só; sou na terra o único guardião daquele acontecimento, o Congresso, cuja memória não poderei compartilhar. Sou agora o último congressista. É verdade que todos os homens o são, que não existe um ser no planeta que não o seja, porém eu o sou de outro modo. Sei que o sou; isto me torna diverso de meus inumeráveis colegas, atuais e futuros. É verdade que no dia 7 de fevereiro de 1904 juramos pelo mais sagrado não revelar – haverá sobre a terra algo sagrado ou algo que não o seja? – a história do Congresso, mas não menos certo é que o fato de ser eu agora um perjuro faz também parte do Congresso. Esta declaração é obscura, mas pode acender a curiosidade de meus eventuais leitores.

De qualquer modo, a tarefa que me impus não é fácil. Não

acometi nunca, nem sequer na espécie epistolar, o gênero narrativo, e (o que sem dúvida é mais grave) a história que registarei é inacreditável. A pena de José Fernández Irala, o imerecidamente esquecido poeta de *Los Mármoles*, era a predestinada para esta empresa, porém já é tarde. Não falsearei deliberadamente os fatos, porém pressinto que a negligência e a inabilidade hão de me obrigar, mais de uma vez, ao erro.

As precisas datas não importam. Recordemos que vim de Santa Fé, minha província natal, em 1899. Não voltei nunca; acostumei-me a Buenos Aires, cidade que não me atrai, como quem se acostuma ao próprio corpo ou a um velho achaque. Prevejo, sem maior interesse, que logo hei de morrer; devo, por conseguinte, sujeitar meu hábito digressivo e adiantar um pouco a narração.

Não modificam os anos nossa essência, se é que alguma possuímos; o impulso que me levaria, uma noite, ao Congresso do Mundo foi o que me trouxe, inicialmente, à redação de *Última Hora*. Para um pobre rapaz provinciano, ser jornalista pode parecer um destino romântico, assim como um pobre rapaz da capital pode imaginar que é romântico o destino de um gaúcho ou de um peão do campo. Não me envergonho de ter querido ser jornalista, rotina que agora me parece trivial. Lembro-me de ter ouvido Fernández Irala, meu colega, dizer que o jornalista escreve para o esquecimento e que o anelo dele era escrever para a memória e o tempo.

Já havia cinzelado (o verbo era de uso comum) alguns dos sonetos perfeitos que apareceriam depois, com um que outro ligeiro retoque, nas páginas de *Los Mármoles*.

Não posso precisar a primeira vez em que ouvi falar do Congresso. Quiçá tenha sido naquela tarde em que o contador pagou meu ordenado mensal e eu, para

celebrar essa prova de que Buenos Aires me havia aceitado, propus a Irala que jantássemos juntos. Este desculpou-se, alegando não poder faltar ao Congresso. Imediatamente entendi que não se referia ao vaidoso edifício com uma cúpula que fica ao fundo de uma avenida povoada de espanhóis, mas a algo mais secreto e mais importante. As pessoas falavam do Congresso, alguns com aberta dissimulação, outros baixando a voz, outros com alarme ou curiosidade; todos, creio, com ignorância. Passados alguns sábados, Irala me convidou a acompanhá-lo. Já havia cumprido, confiou-me, os trâmites necessários.

Seriam nove ou dez da noite. No bonde me disse que as reuniões preliminares tinham lugar aos sábados e que dom Alejandro Glencoe, talvez movido por meu nome, já havia dado o assentimento. Entramos na Confeitaria del Gas. Os congressistas, que seriam quinze ou vinte, rodeavam uma mesa comprida; não sei se havia estrado ou se a memória é que o agrega. Reconheci no ato o presidente, que não havia visto nunca. Dom Alejandro era um senhor de ar digno, já entrado em anos, com a fronte despejada, os olhos cinza e uma encanecida barba avermelhada. Sempre o vi de sobrecasaca escura; costumava apoiar na bengala as mãos cruzadas.

Era robusto e alto. A sua esquerda havia um homem muito mais jovem, também de cabelo ruivo; a cor violenta deste sugeria o fogo, a da barba do senhor Glencoe as folhas do outono. À direita havia um rapaz de cara comprida e fronte singularmente baixa, trajado como um dândi. Todos haviam pedido café e um que outro, absinto. O que primeiro me despertou a atenção foi a presença de uma mulher, sozinha entre tantos homens. Na outra ponta da mesa havia um menino de dez anos, vestido

à marinheira, que não tardou a adormecer. Havia também um pastor protestante, dois inequívocos judeus e um negro com lenço de seda e roupa muito justa ao modo dos *compadritos* das esquinas. Diante do negro e do menino havia duas chávenas com chocolate. Não lembro dos outros, salvo de um senhor Marcelo del Mazo, homem de suma cortesia e fino diálogo, que não voltei a ver mais. Conservo uma imprecisa e deficiente fotografia de uma das reuniões, que não publicarei, porque a indumentária da época, as melenas e os bigodes lhe dariam um ar burlesco e até indigente que falsearia a cena. Todos os agrupamentos tendem a criar seu dialeto e seus ritos; o Congresso, que sempre teve para mim algo de sonho, parecia querer que os congressistas fossem descobrindo sem pressa o fim que buscava e até os nomes e sobrenomes de seus colegas. Não tardei a compreender que minha obrigação era não fazer perguntas e me absteve de interrogar Fernández Irala, que tampouco me disse nada. Não faltei um único sábado, mas passaram-se um ou dois meses antes que eu entendesse. Desde a segunda reunião, meu vizinho foi Donald Wren, um engenheiro do Ferrocarril Sud, que me daria lições de inglês. Dom Alejandro falava muito pouco; os outros não se dirigiam a ele, porém senti que falavam para ele e procuravam sua aprovação. Bastava um ademan da lenta mão para que o tema do debate mudasse. Fui descobrindo pouco a pouco que o avermelhado homem da esquerda tinha o curioso nome de Twirl. Recordo o ar frágil dele, que é atributo de certas pessoas muito altas, como se a estatura provocasse nelas vertigem e as fizesse abobadarem-se. As mãos dele, recordo-me, costumavam brincar com uma bússola de cobre, que por momentos

deixava sobre a mesa. Em fins de 1914 morreu como soldado de infantaria num regimento irlandês. Aquele que sempre ocupava a direita era o jovem de frente baixa, Fermín Eguren, sobrinho do presidente. Descreio dos métodos do Realismo, gênero artificial a mais não poder; prefiro revelar de uma boa vez o que compreendi gradualmente. Antes, quero recordar ao leitor minha situação de então: eu era um pobre rapaz de Casilda, filho de sitiantes, que havia chegado a Buenos Aires e que de repente se encontrava (assim o senti) no íntimo centro de Buenos Aires e talvez, quem sabe, do mundo. Meio século passou e continuo sentindo aquele deslumbramento inicial, que certamente não foi o último.

Eis aqui os fatos; narrá-los-ei com toda a brevidade. Dom Alejandro Glencoe, o presidente, era um estancieiro uruguaio, dono de um estabelecimento de campo que lindava com o Brasil. O pai, oriundo de Aberdeen, havia-se fixado neste continente em meados do século anterior. Trouxe consigo uns cem livros, os únicos, atrevo-me a dizer, que dom Alejandro leu no decurso da vida. (Falo desses livros heterogêneos que tive em mãos, porque, num deles, está a raiz de minha história.) O primeiro Glencoe, ao morrer, deixou uma filha e um filho, que seria depois nosso presidente. A filha se casou com um Eguren e foi a mãe de Fermín. Dom Alejandro aspirou alguma vez a ser deputado, mas os chefes políticos fecharam-lhe as portas do Congresso do Uruguai.

O homem exasperou-se e resolveu fundar outro Congresso, de mais vastos alcances. Recordou haver lido em uma das vulcânicas páginas de Carlyle o destino daquele Anacharsis Cloots, devoto da deusa Razão, que à frente de trinta e seis estrangeiros falou como “orador do gênero humano” ante uma assembléia em

Paris. Movido por seu exemplo, dom Alejandro concebeu o propósito de organizar um Congresso do Mundo que representasse todos os homens de todas as nações.

O centro das reuniões preliminares era a Confeitaria del Gas; o ato de abertura, para o qual se havia previsto o prazo de quatro anos, teria sua sede na propriedade de dom Alejandro. Este, como tantos uruguaios, não era partidário de Artigas, gostava de Buenos Aires, mas havia resolvido que o Congresso se reuniria na pátria dele.

Curiosamente, o prazo original cumprir-se-ia com precisão quase mágica.

A princípio recebíamos nossas diárias, que não eram desprezíveis, mas o fervor que em todos nós ardia fez com que Fernández Irala, tão pobre como eu, renunciasse à sua; o mesmo fizemos os outros. Essa medida foi benéfica, já que serviu para separar o joio do trigo;

o número de congressistas diminuiu, só ficamos os fiéis.

O único cargo estipendiado tornou-se o da secretária, Nora Erfjord, que carecia de outros meios de vida e cuja tarefa era opressiva. Organizar uma entidade que abarca o planeta não é empresa fútil. Cartas iam e vinham e assim os telegramas. Chegavam adesões do Peru, da Dinamarca e do Indústão. Um boliviano assinalou que sua pátria carecia de todo acesso ao mar e que essa lamentável carência deveria ser o tema de um dos primeiros debates.

Twirl, cuja inteligência era lúcida, observou que o Congresso pressupunha um problema de índole filosófica. Planejar uma assembléia que representasse todos os homens era como fixar o número exato dos arquétipos platônicos, enigma que atarefou durante séculos a perplexidade dos pensadores. Sugeriu que, sem ir mais longe, dom Alejandro Glencoe podia representar os estancieiros, mas também os uruguaios e também os

grandes precursores e também os homens de barba ruiva e aqueles que estão sentados numa poltrona. Nora Erfjord era norueguesa. Representaria as secretárias, as norueguesas ou simplesmente todas as mulheres formosas? Bastava um engenheiro para representar todos os engenheiros, inclusive os da Nova Zelândia?

Foi então, creio, que Fermín interveio:

– Ferri está representando os gringos – disse, com uma gargalhada.

Dom Alejandro olhou-o com severidade e falou sem pressa:

– O senhor Ferri representa os imigrantes, cujo labor está levantando o país.

Fermín Eguren me detestava. Exercia diversas soberbas: a de ser uruguaio, a de ser *criollo*, a de atrair todas as mulheres, a de ter escolhido um alfaiate caro e (nunca saberei por quê) a de sua estirpe basca, gente que, à margem da História, outro não fez do que ordenhar vacas.

Um incidente dos mais triviais selou nossas inimizades.

Depois de uma sessão, Eguren propôs que fôssemos a *calle Junín*. O projeto não me atraía, mas aceitei para não me expor às burlas dele. Fomos com Fernández Irala. Ao sair da casa, cruzamo-nos com um homem grandote. Eguren, que estaria um pouco bebido, deu-lhe um empurrão. O outro nos fechou o caminho, dizendo:

– Aquele que quiser sair vai ter de passar por este punhal. Recordo o brilho do aço na obscuridade do portal. Eguren inclinou-se para trás, aterrorizado. Eu sentia receio, mas meu ódio pôde mais que meu susto. Levei a mão à cava como para sacar uma arma, e disse com voz firme:

– Isso vamos acertar na rua.

O desconhecido me respondeu, já com outra voz:

– Gosto de homens assim. Eu queria era pôr-lhes à prova, amigo.

Agora ria afavelmente.

– O amigo corre por sua conta – repliquei-lhe, e saímos.

O homem do punhal entrou no prostíbulo. Disseram-me depois que se chamava Tapia ou Paredes ou algo no estilo, e que tinha fama de pependenciador. Já na calçada, Irala, que se havia mantido sereno, bateu-me nas costas e declarou com ênfase:

– Entre os três havia um mosqueteiro. Salve, D’Artagnan! Fermín Eguren nunca me perdoou ter sido testemunha de sua fraquejada.

Sinto que agora, e somente agora, começa a história.

As páginas já escritas não registaram mais do que as condições que o acaso ou o destino requeria para que tivesse lugar o fato inacreditável, talvez o único de toda a minha vida. Dom Alejandro Glencoe era sempre o centro da trama, mas gradualmente sentimos, não sem algum assombro e alarme, que o verdadeiro presidente era Twirl. Esta singular personagem de bigode refulgente adulava Glencoe e também Fermín Eguren, mas de um modo tão exagerado que poderia passar por uma burla e não comprometia a dignidade dele. Glencoe tinha a soberba da vasta fortuna; Twirl adivinhou que, para impor-lhe um projeto, bastava sugerir que o custo era demasiado oneroso. A princípio o Congresso não havia sido mais, suponho, que um vago nome; Twirl propunha contínuas ampliações, que dom Alejandro sempre aceitava. Era como estar no centro de um círculo crescente, que aumentava sem fim, distanciando-se. Declarou, por exemplo, que o Congresso não podia prescindir de uma biblioteca de livros de consulta; Nierenstein, que

trabalhava numa livraria, foi conseguindo-nos os atlas de Justus Perthes e diversas e extensas enciclopédias, desde a *Historia Naturalis* de Plínio e o *Speculum* de Beauvais, até os gratos labirintos (releio estas palavras com a voz de Fernández Irala) dos ilustres enciclopedistas franceses, da *Britannica*, de Pierre Larousse, de Brockhaus, de Larsen e de Montaner y Simón. Recordo haver acariciado com reverência os sedosos volumes de certa enciclopédia chinesa, cujos bem pincelados caracteres pareceram-me mais misteriosos do que as manchas da pele de um leopardo. Não direi ainda o fim que tiveram e que por certo não lamento.

Dom Alejandro começava a se afeiçoar a Fernández Irala e a mim, talvez por sermos os únicos que não tentavam lisonjeá-lo. Convidou-nos para passar uns dias na estância La Caledonia, onde já estavam trabalhando os ajudantes de pedreiros.

Ao fim de longa navegação rio acima, e de uma travessia de balsa, pisamos a outra banda, num amanhecer. Depois tivemos que passar a noite em tavernas indigentes e abrir e fechar muitas porteiras na Cuchilla Negra. Íamos em uma carreta; o campo pareceu-me maior e mais deserto do que o da chácara onde nasci.

Conservo ainda minhas duas imagens da estância: aquela que eu havia previsto e aquela que meus olhos viram por fim. Absurdamente, eu havia imaginado, como em sonho, uma combinação impossível da planície santa-feense com o Palácio das Águas Correntes; La Caledonia era uma casa vasta, de adobe, com teto de palha de duas águas e alpendre de tijolo. Pareceu-me construída para o rigor e o longo tempo. Quase uma vara de espessura tinham as toscas paredes e as portas eram estreitas. A ninguém havia ocorrido plantar uma árvore. O primeiro sol e o último

nela batiam. Os currais eram de pedra; o gado, numeroso, magro, com grandes guampas; as colas remoinhadas dos cavalos chegavam até o chão. Pela primeira vez conheci o sabor de uma rês recém-carneada. Trouxeram algumas sacas de biscoitos: o capataz me disse, dias depois, que nunca havia provado pão na vida. Irala perguntou onde ficava o banheiro; dom Alejandro, com um vasto gesto, mostrou-lhe o continente. A noite era de lua; saí para dar uma volta e o surpreendi, vigiado por um nhandu.

O calor, que não havia mitigado a noite, era insuportável e todos encareciam o fresco. As peças eram baixas e muitas e me pareceram desmanteladas; destinaram-nos uma que dava para o sul, na qual havia dois catres e uma cômoda com bacia e jarra de prata. O piso era de terra.

No dia seguinte dei com a biblioteca e com os volumes de Carlyle, e procurei as páginas consagradas ao orador do gênero humano, Anacharsis Cloots, que me havia conduzido àquela manhã e àquela soledade. Depois do desjejum, idêntico à janta, dom Alejandro nos mostrou os trabalhos. Fizemos uma légua a cavalo, entre os descampados. Irala, cuja equitação era temerosa, sofreu um percalço; o capataz, sem um sorriso, observou:

– O portenho sabe apear-se muito bem.

De longe vimos a obra. Uma vintena de homens havia erigido uma sorte de anfiteatro despedaçado. Recordo uns andaimos e umas gradarias que deixavam entrever espaços de céu.

Mais de uma vez tentei conversar com os gaúchos, porém meu empenho fracassou. De algum modo sabiam serem diferentes. Para se entenderem, usavam parcamente entre eles um gangoso espanhol abrasileirado. Sem dúvida, pelas veias deles corriam sangue índio e sangue negro. Eram fortes e baixos; em La Caledonia eu era um homem alto,

coisa que não me havia sucedido até então. Quase todos usavam chiripá; um que outro, bombachas. Pouco ou nada tinham em comum com as sofridas personagens de Hernández ou de Rafael Obligado. Sob o influxo do álcool dos sábados eram facilmente violentos. Não havia uma única mulher e jamais ouvi uma guitarra.

Mais do que os homens dessa fronteira me interessou a mudança total que se havia operado em dom Alejandro. Em Buenos Aires, era um senhor afável e comedido; em La Caledonia, o severo chefe de um clã, como seus maiores. Aos domingos pela manhã, lia a Sagrada Escritura aos peões, que não entendiam uma única palavra. Uma noite, o capataz, homem ainda jovem, que havia herdado o cargo do pai, avisou-nos que um agregado e um peão haviam-se travado a punhaladas. Dom Alejandro levantou-se sem maior pressa. Chegou à roda, tirou a arma que costumava carregar, entregou-a ao capataz, que me pareceu acovardado, e abriu caminho entre os aços. Ouvi em seguida a ordem:

– Soltem as facas, rapazes.

Com a mesma voz tranqüila, acrescentou:

– Agora se dêem as mãos e se portem bem. Não quero barulhos aqui.

Os dois obedeceram. No outro dia soube que dom Alejandro havia despedido o capataz.

Senti que a solidão me cercava. Temi não voltar nunca a Buenos Aires. Não sei se Fernández Irala compartilhava esse temor, mas falávamos muito da Argentina e daquilo que faríamos ao regresso. Sentia falta dos leões de um portal da *calle* Jujuy, perto da *plaza* del Onze, ou da luz de determinado armazém de imprecisa topografia, não dos lugares habituais. Sempre fui bom ginete; habituei-me a sair a cavalo e a percorrer longas distâncias. Ainda me

lembro daquele cavalo árabe que eu costumava encilhar e que já terá morrido. Talvez em alguma tarde ou alguma noite tenha estado no Brasil, pois a fronteira não era outra coisa que uma linha traçada por moirões.

Havia aprendido a não contar os dias quando, ao fim de um dia igual aos outros, dom Alejandro nos advertiu:

– Agora vamos nos deitar. Amanhã saímos com a fresca.

Já rio abaixo senti-me tão feliz que pude pensar com carinho em La Caledonia.

Retomamos a reunião dos sábados. Na primeira, Twirl pediu a palavra. Disse, com as habituais flores retóricas, que a biblioteca do Congresso do Mundo não podia reduzir-se a livros de consulta e que as obras clássicas de todas as nações e línguas eram o verdadeiro testemunho, que não podíamos ignorar sem perigo. A proposta foi aprovada no ato; Fernández Irala e o doutor Cruz, que era professor de latim, aceitaram a missão de escolher os textos necessários. Twirl já havia falado do assunto com Nierenstein.

Naquele tempo não havia um único argentino cuja Utopia não fosse a cidade de Paris. Quiçá o mais impaciente de nós fosse Fermín Eguren; seguia-o Fernández Irala por motivos assaz diversos. Para o poeta de *Los Mármoles* Paris era Verlaine e Leconte de Lisle; para Eguren, uma continuação aperfeiçoada da *calle* Junín. Havia-se entendido, suspeito, com Twirl. Este, em outra reunião, discutiu o idioma que usariam os congressistas e a conveniência de que os delegados fossem a Londres e a Paris documentarem-se. Para fingir imparcialidade, propôs primeiro meu nome, e, após ligeira vacilação, o de seu amigo Eguren. Dom Alejandro, como sempre, assentiu. Creio haver escrito que Wren, em troca de algumas aulas de italiano, havia me iniciado no estudo do infinito idioma

inglês. Prescindiu, no possível, da gramática e das orações fabricadas para a aprendizagem e entramos diretamente na poesia, cujas formas exigem a brevidade. Meu primeiro contato com a língua que povoaria minha vida foi o valoroso *Requiem* de Stevenson; depois vieram as baladas que Percy revelou ao decoroso século dezoito. Pouco antes de partir para Londres conheci o deslumbramento de Swinburne, que me levou a duvidar, como quem comete uma culpa, da eminência dos alexandrinos de Irala. Cheguei a Londres em princípios de janeiro de novecentos e dois; recordo a carícia da neve, que eu nunca havia visto, e que agradei. Felizmente, não me tocou viajar com Eguren. Hospedei-me numa pensão módica atrás do Museu Britânico, cuja biblioteca freqüentava de manhã e de tarde, à procura de um idioma que fosse digno do Congresso do Mundo. Não descuidei das línguas universais; assomei-me ao esperanto – que o *Lunário Sentimental* qualifica de “eqüitativo, simples e econômico” – e ao volapük, que deseja explorar todas as possibilidades lingüísticas, declinando os verbos e conjugando os substantivos. Considerei os argumentos pró e contra o ressuscitar do latim, cuja nostalgia não cessou de perdurar ao final dos séculos. Demorei-me igualmente no exame do idioma analítico de John Wilkins, em que a definição de cada palavra está nas letras que a formam. Foi debaixo da alta cúpula da sala que conheci Beatriz. Esta é a história geral do Congresso do Mundo, não a de Alejandro Ferri, a minha, mas a primeira abarca a última, como todas as outras. Beatriz era alta, esbelta, de traços puros e uma cabeleira vermelha que poderia ter-me recordado, mas não o fez nunca, a do oblíquo Twirl. Não havia completado vinte anos. Deixara um dos condados do norte para ser aluna de letras na universidade. Sua

origem, como a minha, era humilde. Ser de cepa italiana em Buenos Aires era ainda deslustroso; em Londres descobri que para muitos era um atributo romântico. Poucas tardes tardamos a ser amantes; pedi-lhe que se casasse comigo, mas Beatriz Frost, como Nora Erfjord, era devota da fé predicada por Ibsen e não queria prender-se a ninguém. De sua boca nasceu a palavra que eu não me atrevia a dizer.

Oh noites, oh compartilhada e tépida escuridão, oh o amor que flui na sombra como um rio secreto, oh aquele momento do destino em que cada um é os dois, oh a inocência e o candor da dita, oh a união na qual nos perdíamos para nos perdermos depois no sono, oh as primeiras claridades do dia e eu a contemplá-la.

Na áspera fronteira do Brasil havia-me acochado a nostalgia; não assim no encarnado labirinto de Londres, que me deu tantas coisas. Apesar dos pretextos que urdi para demorar a partida, tive de regressar no fim do ano; celebramos juntos o Natal. Prometi-lhe que dom Alejandro havia de convidá-la a tomar parte no Congresso; replicou-me, de modo vago, que lhe interessaria visitar o hemisfério austral e que um primo seu, dentista, havia-se radicado na Tasmânia. Beatriz não quis ver o navio; a despedida, em seu entender, era uma ênfase, uma insensata festa da desdita, e ela detestava as ênfases. Dissemo-nos adeus na biblioteca onde nos conhecemos em outro inverno. Sou um homem covarde; não lhe deixei endereço para eludir a angústia de esperar cartas.

Tenho notado que as viagens de volta duram menos que as de ida, mas a travessia do Atlântico, pesada de recordações e desalentos, pareceu-me muito longa. Nada me doía tanto como pensar que, paralelamente a minha

vida, Beatriz iria vivendo a sua, minuto por minuto e noite por noite. Escrevi uma carta de muitas páginas, que rasguei ao zarpar de Montevideu. Aportei à pátria numa quinta-feira; Irala me esperava no cais. Voltei a meu antigo aposento na *calle* Chile; aquele dia e o outro passamos falando e caminhando. Eu queria recobrar Buenos Aires. Foi um alívio saber que Fermín Eguren continuava em Paris; o fato de haver regressado antes dele atenuaria de algum modo minha longa ausência.

Irala estava descorçoado. Fermín dilapidava na Europa somas despropositadas e havia mais de uma vez desacetado a ordem de voltar imediatamente. Isto era previsível. Mais me inquietaram outras notícias; Twirl, pese à oposição de Irala e de Cruz, havia invocado Plínio, o Jovem, segundo o qual não existe livro tão mau que algo não encerre de bom, e havia proposto a compra indiscriminada de coleções de *La Prensa*, de três mil e quatrocentos exemplares do *Dom Quixote*, em formatos diversos, do epistolário de Balmes, de teses universitárias, de relatórios, de boletins e programas de teatro. Tudo é testemunho, havia dito. Nierenstein apoiou-o; dom Alejandro, “ao cabo de três sábados sonoros”, aprovou a moção. Nora Erfjord havia renunciado ao cargo de secretária; substituía-a um sócio novo, Karlinski, que era um instrumento de Twirl.

Os desmedidos pacotes iam-se empilhando agora, sem catálogo nem fichário, nos cômodos dos fundos e na adega da vasta casa de dom Alejandro. Em princípios de julho, Irala havia passado uma semana em La Caledonia; os pedreiros haviam interrompido o trabalho. O capataz, interrogado, explicou que assim havia disposto o patrão, e que aquilo que está sobrando ao tempo são dias.

Em Londres eu havia redigido um informe, que não é o

caso de recordar; sexta-feira fui cumprimentar dom Alejandro e entregar-lhe meu texto. Acompanhou-me Fernández Irala. Era uma hora da tarde e na casa entrava o vento pampeiro. Diante do portão da *calle* Alsina esperava um carro com três cavalos. Lembro-me de homens curvados que iam descarregando os fardos no último pátio. Twirl, imperioso, dava-lhes ordens.

Aí estavam também, como se presentissem algo, Nora Erfjord e Nierenstein e Cruz e Donald Wren e um ou dois congressistas mais. Nora me abraçou e me beijou e aquele abraço e aquele beijo me recordaram outros. O negro, bonachão e feliz, beijou-me a mão.

Em um dos quartos estava aberto o quadrado alçapão do porão; uns degraus de material empilhado perdiam-se na sombra.

Bruscamente ouvimos passos. Antes de vê-lo soube que era dom Alejandro aquele que entrava. Quase como corresse, chegou.

A voz dele estava diferente; não era a do pausado senhor que presidia a nossos sábados, nem a do estancieiro feudal, que proibia um duelo a faca e que predicava a seus gaúchos a palavra de Deus, mas se parecia mais com a última.

Sem olhar ninguém, ordenou:

– Vão tirando tudo amontoado aí embaixo. Que não fique um livro no porão.

A tarefa durou quase uma hora. Acumulamos no pátio de terra uma pilha mais alta que os mais altos. Todos íamos e vínhamos; o único que não se moveu foi dom Alejandro.

Depois veio a ordem:

– Agora toquem fogo nesses pacotes.

Twirl estava muito pálido. Nierenstein conseguiu murmurar:

– O Congresso do Mundo não pode prescindir desses auxiliares preciosos que selecionei com tanto amor.

– O Congresso do Mundo? – disse dom Alejandro. Riu-se com sorna, e eu nunca o havia visto rir.

Existe um misterioso prazer na destruição; as labaredas crepitaram resplandescentes e nós, os homens, nos agrupamos contra as paredes ou nos quartos. Noite, cinza e chamusco permaneceram no pátio. Lembro-me de algumas folhas perdidas que se salvaram, brancas sobre a terra. Nora Erfjord, que professava por dom Alejandro esse amor que as mulheres jovens costumam professar pelos homens velhos, disse sem entender:

– Dom Alejandro sabe o que faz.

Irala, fiel à literatura, tentou uma frase:

– A cada tantos séculos é necessário queimar a Biblioteca de Alexandria.

Depois nos chegou a revelação:

– Quatro anos tardei para compreender o que lhes digo agora. A empresa que acometemos é tão vasta que abarca – agora o sei – o mundo inteiro; não uns quantos charlatães que desatinam nos galpões de uma estância perdida. O Congresso do Mundo começou com o primeiro instante do mundo e prosseguirá quando formos pó. Não existe lugar em que não esteja. O Congresso são os livros que acabamos de queimar. O Congresso são os caledônios que derrotaram as legiões dos Césares. O Congresso é Jó no monturo e Cristo na cruz. O Congresso é aquele rapaz inútil que malgasta minha fazenda com rameiras.

Não pude conter-me e o interrompi.

– Dom Alejandro, eu também sou culpado. Eu havia concluído o informe, que aqui lhe trago, e continuava demorando-me na Inglaterra e sugando seu dinheiro pelo amor de uma mulher.

Dom Alejandro continuou:

– Já o imaginava, Ferri. O Congresso são meus touros.

O Congresso são os touros que vendi e as léguas de campo que não são minhas.

Uma voz consternada elevou-se. Era a de Twirl.

– Não vá nos dizer que vendeu La Caledonia?!

Dom Alejandro respondeu sem pressa:

– Sim, vendi-a. Não me resta um palmo de terra, porém minha ruína não me dói porque agora entendo. Talvez não nos vejamos mais, porque o Congresso não precisa de nós, porém esta última noite sairemos todos para olhar o Congresso.

Estava ébrio de vitória. Inundaram-nos sua firmeza e sua fé. Ninguém nem por um segundo pensou que estivesse louco.

Na praça tomamos um carro aberto. Eu me acomodei na boléia, junto ao cocheiro, e dom Alejandro ordenou:

– Mestre, vamos visitar a cidade. Leve-nos aonde quiser.

O negro, encarapitado num estribo, não cessava de sorrir.

Nunca soube se entendeu algo.

As palavras são símbolos que postulam uma memória compartilhada. Aquela que agora quero historiar é minha apenas; aqueles que a compartilharam estão mortos.

Os místicos invocam uma rosa, um beijo, um pássaro que é todos os pássaros, um sol que é todas as estrelas e o sol, um cântaro de vinho, um jardim ou o ato sexual. Dessas metáforas nenhuma me serve para essa longa noite de júbilo que nos deixou cansados e felizes nos lindeiros da aurora. Quase não falamos, enquanto as rodas e os cascos retumbavam sobre as pedras. Antes do alvorecer, próximo de uma água escura e humilde, que seria talvez o Maldonado ou talvez o Riachuelo, a alta voz de Nora Erfjord entoou a balada de Patrick Spens e dom

Alejandro fez coro num e noutro verso, com voz baixa e desafinadamente. As palavras inglesas não me trouxeram a imagem de Beatriz. Atrás de mim Twirl murmurou:

– Quis fazer o mal e faço o bem.

Algo daquilo que entrevimos perdura – o avermelhado paredão da Recoleta, o paredão amarelo do cárcere, um par de homens dançando numa esquina sem chanfradura, um átrio axadrezado com uma grade; as barreiras do trem, minha casa, um mercado, a insondável e úmida noite – mas nenhuma dessas coisas fugazes, que talvez fossem outras, importa. Importa haver sentido que nosso plano, do qual mais de uma vez zombamos, existia realmente e secretamente e era o universo e nós mesmos. Sem maior esperança, busquei ao longo dos anos o sabor dessa noite; alguma vez acreditei recuperá-la na música, no amor, na incerta memória, porém não voltou, salvo uma única madrugada, num sonho. Quando juramos não dizer nada a ninguém já era a manhã do sábado.

Não voltei a vê-los mais, salvo Irala. Não comentamos nunca a história; qualquer palavra nossa teria sido uma profanação. Em 1914, dom Alejandro Glencoe morreu e foi sepultado em Montevideu. Irala já havia morrido no ano anterior.

Com Nierenstein cruzei-me uma vez em *calle* Lima e fingimos não haver-nos visto.